

 **TRANSCRIÇÃO: CORCOVADO, STAN GETZ, JOÃO GILBERTO E TOM JOBIM**

BASSPLAYERBRASIL.COM.BR

bassplayer®

O BAIXISTA SOB HOLOFOTES! BRASIL

ASTON "FAMILY MAN" BARRETT

"REGGAE É A ARTE DAS PESSOAS, É A LINGUAGEM UNIVERSAL, É O QUE LEVA AS MENSAGENS DE RAIZ, CULTURA E REALIDADE"

O MULTIBAIXISTA

FELIPE ANDREOLI

"DIVERSIFICAR DÁ UMA VANTAGEM MAIOR EM RELAÇÃO À SOBREVIVÊNCIA NO MERCADO"

TESTES

BAIXO G&L MJ-4

AMPLIFICADOR
GLOCKENKLANG
BLUE SOUL

POWER TRIO FESTIVAL -
DAVID ELLEFSON -
AMANDA RUZZA -

E MAIS!



melody
editora



BASS PLAYER Nº 27 • ANO 3 • R\$ 15,90

AULAS COM ÁUDIO NO SITE! JAZZ, HARMONIA MODAL, MEIA-POSIÇÃO (CONTRABAIXO ACÚSTICO) E SLAP (ROCK)

Divulgação

AMANDA RUZZA

CONQUISTANDO O TIO SAM

HENRIQUE INGLEZ DE SOUZA

VIVER DE MÚSICA NÃO É FÁCIL, AINDA MAIS SE VOCÊ não está em seu país de origem. Além de competência e sorte, é preciso muito mais vontade, cara de pau e faro para filtrar as oportunidades promissoras. Amanda Ruzza tem tudo isso reunido num talento que baila livre e preciso pelas cinco cordas de seu baixo. A brasileira vem ganhando terreno num dos principais cenários, o dos Estados Unidos. De chance em chance, o suor derramado está rendendo compromissos por lá, principalmente, e pelo mundo. No ano passado, saiu seu elogiado primeiro disco solo, *This Is What Happened*, uma bela compilação de linhas e melodias tocantes.

Sua mãe gosta de ópera e seu pai de rock. Como acabou vergando para jazz, funk e música sul-americana – suas praias principais, certo?

Mas será que são as minhas praias principais? Estou na estrada com o grupo do Dave Eggar, Deoro, que mistura música clássica, rock, bluegrass e world music. Depois, me encontrarei com Leni Stern para tocar blues e música africana. Também tenho tocado com vários cantores, bandas de rock, pop e artistas de jazz.

Em casa sempre tinha som rolando. Se não eram discos de ópera ou rock, era o rádio. Quando eu tinha uns 8 anos, escutava rock e pop o dia inteiro. Lá pelos 10 anos adorava metal. Mas aí, aos 12, alguém me apresentou o Nico Assumpção tocando *Trem Bala* no disco *Zona de Fronteira*, do João Bosco. Pirei imediatamente e fui atrás de todos os CDs com seu nome na contracapa. Nessa época, comecei a ser chamada para

tocar nos forrós e em barzinhos de São Paulo, com cantores de MPB.

Sempre curti ser apresentada a novos sons, culturas e ideias. Então, quanto mais estudava, mais queria conhecer estilos diferentes e tocar com bandas variadas. Acho que São Paulo foi uma grande escola para mim, porque me deu a oportunidade de assistir a ótimos shows gratuitos de músicos do mundo inteiro. Não acho que tive a intenção de “vergar” para um determinado estilo, mas sim aprender muitos deles.

Os estilos que toca costumam ser suportes de linhas intensas e de groove. Foi o baixo que te levou a esses estilos ou o contrário?

Nem o baixo, nem o estilo. Acho que o som originado pelas minhas mãos é uma representação da minha personalidade. Sou uma pessoa intensa e que entrega toda a sua energia e coração ao trabalho e vida pessoal. Mas em muitas ocasiões gravei coisas mais suaves, em que o baixo tinha função secundária e não deveria ser “reparado”. A intensidade e a emoção também estavam lá, mas de uma maneira mais discreta.

Você tem a visão que considero a correta em relação a uma abordagem: usa seu vocabulário de acordo com cada groove e não o contrário. A que atribui isso?

A tocar piano e compor. Tocar piano me ensinou a pensar nas outras coisas que estão rolando durante uma linha de baixo. Também me mostrou como é frustrante tentar interagir com um baixista que não esteja tocando para a música, mas sim para o ego. Já compor mudou a minha percepção em relação ao que uma melodia precisa de suporte rítmico e de contraponto no registro grave para que seja realçada. Tais conceitos foram amadurecendo com os anos, pois tive de aceitar que,



Erika Kapin

por mais que eu seja a compositora, arranjadora, produtora ou apenas a baixista, o mais importante de tudo é a melodia. Muitas vezes, para que a melodia seja compreendida pelo ouvinte, requer uma linha de baixo simples. O meu trabalho como baixista é o de ajudar a música e não o de tocar tudo que sei.

As linhas de baixo de seu disco solo me lembraram muito (ainda mais quando sola) a abordagem de um violão solo ou cavaquinho. Por quê?

Não sei se essa é a resposta exata, mas, quando ainda morava em São Paulo, fiz um esforço muito grande para não ouvir os discos dos nossos ídolos (Jaco Pastorius, Marcus Miller etc.) e para tentar transferir a emoção, voz e articulação de outros instrumentos para o baixo. Achava que estava soando como a “cópia” desses baixistas. Porém, foram a energia e o cenário musical de Nova York e todos os grandes saxofonistas com os quais tive a honra de dividir um palco que fizeram eu me apaixonar pelo som do sax tenor. Acho que talvez as minhas linhas sejam uma mistura não intencional de baixo com saxofone.

O que te fez querer se mudar para os Estados Unidos?

O desejo de estudar essa coisa maravilhosa chamada música! Desde quando comecei a tocar, tinha um sonho enorme de fazer faculdade nos Estados Unidos. Mas achava que não tinha capacidade ou talento suficiente para ganhar uma bolsa. Um dia, fui chamada para gravar um disco de música sertaneja. Das 14 faixas, gravei sete e as demais foram feitas pelo mestre Pedro Ivo. Depois de terminar a minha parte, pedi ao produtor para assistir ao Pedro gravando e ele me autorizou. Vê-lo gravar tudo e de primeira foi uma das melhores aulas que já tive na vida!

No final da sessão, o produtor me apresentou ao Pedro, que pediu para ouvir as faixas que eu havia gravado. Disse que adorou, me deu umas dicas superlegais e perguntou: “Você é jovem, por que não vai estudar na Berklee?” Depois do “empurrão” do Pedro, fiz a inscrição para a audição da Berklee no Souza Lima e consegui ganhar uma bolsa. Estudei um ano em Boston e fui contratada por uma banda de Nashville. Me mudei para lá, passei quatro anos viajando o mundo até resolver voltar a estudar. Batalhei tudo de novo, fiz um monte de audições e ganhei uma bolsa integral para um bacharelado duplo (jazz e Humanas) na New School. E fui morar em Nova York.

Qual é o seu ideal em relação a trabalhar como baixista?

É poder trabalhar com grandes seres humanos que apreciam a arte e que, ao mesmo tempo, me “puxem” criativa e musicalmente. Não importa se é um trabalho de banda, estúdio ou como side-musician. O que vale é a possibilidade de crescer como pessoa e musicista e tentar fazer algum tipo de diferença positiva na vida de quem estiver me ouvindo, seja ao vivo ou num disco.

O quanto influi ou influenciou esse ideal profissional na sua preferência pelos baixos de 5 cordas?

Comprei o meu segundo baixo quando tinha 15 anos, um Ibanez de 5 cordas. Portanto, desenvolvi todo o meu som e estilo baseada na sonoridade do sizão. O baixo de 5 cordas é parte do meu som e do meu estilo, e é tudo o que sou.

A lista de nomes com quem já trabalhou e a sua agenda movimentada mostram o quão bem-sucedida está sendo. Como conseguiu se firmar nos Estados Unidos?



Divulgação



AMANDA RUZZA



Divulgação

Sinto-me uma pessoa superabençoada toda vez que o meu telefone toca e sou chamada para uma turnê, gravação ou show. A competição em Nova York é fortíssima, e sempre tive a consciência de que, para cada uma das minhas gigs, existem pelo menos uns 50 baixistas que podem fazer o que faço e muito mais. Procuo ser bastante profissional: me preparo ao máximo, sou pontual, levo o equipamento certo e, o mais importante, faço o que posso para adicionar energia positiva à gig. Além disso, sempre curti encarar desafios e sempre tentei tocar todos os estilos musicais, mesmo que não fossem a minha “especialidade”. Então, muitos produtores começaram a se interessar pelo meu trabalho, achando que eu poderia proporcionar um som mais eclético.

Até aqui, qual é a sua principal conquista como baixista?

As mais importantes foram ter conseguido

uma bolsa integral na New School, que é uma das maiores universidades do mundo, e ter tido a oportunidade de conquistar dois bacharelados em Nova York. Outra conquista foi ter podido trabalhar com grandes ídolos meus, músicos que admirava desde quando morava no Brasil, como Leni Stern, Arturo O’Farrill e Jill Sobule.

No momento, também me sinto muito grata por poder dizer que tenho gravado com a Amy Lee (Evanescence), que fiz parte de um registro produzido pelo Prince (com lançamento para o final deste ano) e que participei da trilha sonora do documentário da Whitney Houston, de 2012. Ainda me sinto honrada de ter produzido, arranjado e tocado baixo no disco do Sérgio Galvão, um grande saxofonista que mora no Rio de Janeiro. **Phantom Fish**, seu disco de estreia, saiu nos Estados Unidos e no Brasil em setembro. Está tocando nas maiores rádios de jazz dos Estados Unidos. **BP**



INFO

BAIXOS (5 CORDAS) Ken Smith BSR Elite, Mas Hino AR5, Tobias Growler (1997, com um captador Nordstrand) e Ladessa Fretless (anos 1980)

AMPLIFICAÇÃO Aguilar Tone Hammer 500 (cabecote) e Aguilar DB112 (caixa)

ACESSÓRIOS Pedais MXR (Stereo Chorus, Phase 100, Carbon Copy, Bass Fuzz, Bass Octaver, Bass Envelope Filter e pedal de volume) e Pigtronix Mothership, cordas Dunlop (níquel, .045 - .125) e Gruv Gear FretWrap

EQUIPAMENTOS



MAIS ON-LINE

› Veja Amanda Ruzza ao vivo em Nova York.

bassplayerbrasil.com/dezembro2013